



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 28-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Talhaba-Lisboa* • Telefones 5339 e 5340  
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Augustin Hamon

## O Lock-Out dos Mineiros na Gran-Bretanha

Já vai decorrido mais de um mês desde que as companhias mineiras britânicas, não querendo diminuir os seus lucros, pretenderam impor aos mineiros uma diminuição de salário que iria até 50 %. Os mineiros responderam por uma recusa. As companhias mineiras despediram então todos os operários que não acederam à sua vontade, *inclusive os operários affectos à segurança das minas*. Houve portanto um *lock-out* e não uma greve, como o pretende fazer crer o capitalismo mundial, a fim de desacreditar os mineiros na opinião pública.

Já vai decorrido mais de um mês e o *lock-out* continua, lançando na miséria milhares de operários, custando ao Estado em cada semana milhões de libras esterlinas, perdidas enormemente a todos os acionistas e dissabores a toda a gente.

Esta situação mineira podia ter terminado em meados de abril se os dirigentes dos dois campos, operários e capitalistas—tivessem tido conhecimento crítico das forças em presença e das armas de que dispunham.

Cometeram-se faltas enormes em ambos os campos. A colectividade humana e os mineiros em particular pagam presentemente os seus erros. Em meados de Abril entablaram-se negociações entre os mineiros e a Triple Alliance, o governo, as companhias mineiras e a Câmara dos Comuns. Os telegramas sempre tendenciosos das agências capitalistas tais como a Reuters, Havas e outras deram conta destas negociações, do seu fracasso e do abandono dos mineiros pela Triple Alliance (ferroviários—operários dos transportes—das docas e marítimos).

Mas tudo de forma a deixar uma impressão de obscuridade sobre as causas deste fracasso e sobretudo da recusa da Triple Alliance a decretar a greve de solidariedade. Um correspondente do *New Statesman*, que guarda o anonimato, mas que se vê estar bem ao corrente dos bastidores da questão, num seu artigo jornalístico

alguns raios de luz nesta obscuridade. Parece certo que, se a solução do conflito a favor dos mineiros não teve lugar em meados de Abril, foi motivado pela recusa da Triple Alliance em proclamar a greve de solidariedade.

E esta recusa deve-se sobretudo à política de Thomás, o «*leader*» dos ferroviários. Este teve medo, um medo horrível das consequências possíveis e favoráveis dum greve geral. E recuou, arrastando consigo os seus colegas das docas e dos transportes. Não ousou, com medo da possibilidade dum fracasso, declarar a greve cuja finalidade poderia ser uma revolução política e social pacífica. Tomás teve medo do governo e das suas medidas guerrilheiras. Não compreendeu que era tudo um simples bluff. O medo atroz e imbitaria de toda a acção se apoiado d'êle e desgraçado para a humanidade comunicou este medo a todos os seus colegas da Triple Alliance, a quando da sua reunião em Unity House. E no momento em que numa grande perturbação de espírito, deliberavam os *leaders* operários, o conselho de ministros reuniu em Downing Street, numa perturbação de espírito não menor.

Os ministros tinham medo do fracasso do seu bluff, medo de que os *leaders* operários compreendessem a sua força real, medo de que a verdade aparecesse evidente aos olhos de todos. E quando sonberam que os *leaders* da Triple Alliance recusavam a batalha, tendo todos os flos na mão, não o queriam crer, eles que acabavam de decidir «*renovar*» negociações sobre uma base aceitável para os mineiros!

Os mineiros estavam abandonados às suas próprias forças, mas continuaram na luta. A opinião pública, enganada pelas manobras do governo, a soldo dos capitalistas, tornou-se pouco a pouco favorável aos mineiros. Até o alto clero, arcebispos e bispos anglicanos—e isto é importante constatar na Inglaterra—julgam justas em grande parte as pretensões dos mineiros. Os ferroviários presentem que os seus *leaders* se enganaram e que, se tivessem apoiado os mineiros pela greve,

a paz já estaria assinada e a situação dos ferroviários assegurada, o que actualmente se não dá. Temem com efeito e com razão que, em Agosto próximo, as companhias dos caminhos de ferro pretendam diminuir os seus salários e façam com elles o mesmo jogo que fazem actualmente as companhias mineiras.

Em lugar de uma grande batalha, com a totalidade das forças em conflito, o capitalismo, com uma habilidade relativa, procura obter uma série de batalhas parciais, contando vencer sucessivamente. E com efeito, pode vencer por esta forma, mas só momentaneamente, porque não pode esmagar o inimigo, o proletariado, ao ponto de destruir os seus próprios meios de aquisição de riquezas.

E a sua vitória deixa aliás no espírito do proletariado vencido rancores que germinarão e que ao crescer invadirão o seu espírito provocando novas batalhas até ao dia em que a solução do conflito se fará segundo os princípios baseados sobre a liberdade, a igualdade económica e a solidariedade de todos.

Os mineiros continuam a lutar. Muitos entre elles sofrem a miséria, mas são valentes e tem fé no sucesso. E ter fé é já um elemento de sucesso. E como a não tiveram, os *leaders* dos ferroviários e dos operários dos transportes! E como não compreenderam elles a força invencível dum greve de transportes, dos caminhos de ferro e das docas! Um país inteiro é incapaz de organizar a distribuição dos produtos de toda a espécie, de modificar os caminhos de ferro, os eléctricos, os camiões, os vapores de carga, as docas.

Os burgueses voluntários são quantidades desprezíveis, capazes de servirem quanto muito alguns dias! A mobilização é uma arma de dois gumes. Porque dá armas a quem as não tem. E... isto é greve. A mobilização é aliás impotente se os homens não querem e empregam a resistência passiva, que Cristo preconizava e após elle grande número de santos da Igreja Católica e enfim Tolstói e seus discípulos. Uma greve geral é a

arma mais formidável que existe, sendo entretanto menos sangrenta, com a condição, bem entendido, que seja real, isto é, praticada pela quasi unanidade dos operários dos transportes, dos caminhos de ferro e das docas. Se assim é, em alguns dias, toda a vida económica, toda a vida real está paralisada num país. E o capitalismo tem necessariamente que capitular para evitar a morte, não sómente do sistema mas também dos seus aderentes e dos seus sustentáculos. Viamos isto mesmo, em P. e L., quando há trinta anos, no meu escritório da Avenida Clíchy, onde então morava, discutíamos e tornávamos a discutir esta forma de greve, as suas modalidades e as suas consequências. Foi nestas discussões que Fernand Pelloutier elaborou a teoria da greve geral que mais tarde, perante os congressos operários, Aristide Briand defendeu com um desigual talento oratório.

Parece provável que a energia dos mineiros dará bons frutos. Com efeito, tudo nos leva a crer que as condições económicas provocadas pelo *lock-out*, juntas à opinião pública já esclarecida, forçaram os proprietários mineiros e o governo a ceder às justas reclamações dos mineiros. A sua vitória parece quasi certa e próxima no momento em que escrevo. Mas tã-lhe não pago com usura. E visto que forçosamente entrar em negociações não terá sido mais económico, portanto mais inteligente, tã-lhe iniciado no começo, sem batalha, e sem perdidas?

No estado actual do conflito, pode-se já tirar alguns ensinamentos.

Assim elles possam ser compreendidos para o futuro. Os dirigentes operários não tiveram nem audácia nem fé no sucesso. Ora, a vitória só pertence aos audazes, dados, aliás, as devidas condições. A acção de Lêninev na Rússia é um evidente testemunho do que afirmamos. A superioridade dos dirigentes do capitalismo sobre o mundo operário, na actual guerra social, provém do seu hábito de comando, donde provém a sua audácia, em-

quanto que os *leaders* operários e os próprios operários, habituados ancestralmente a obediência, mesmo quando revoltados, ressentem-se da dificuldade de se libertarem d'êste hábito. Esta superioridade capitalista tem também outra causa derivada do facto dos dirigentes capitalistas se não embarcarem com o valor moral dos seus actos, enquanto que o mesmo se não dá com os operários e os seus *leaders*.

Estes não se atrevem a empregarem as armas que possuem! Os outros não hesitam por mais mortíferas que elas sejam! Os capitalistas especulam também com a fome e a miséria dos operários para os obrigar a acordos desfavoráveis e até à capitulação pura e simples. Os operários e os seus *leaders* recusam servir-se da força dos seus braços, que sem contestação possuem, e obrigam-se a conservar as minas, a transportarem o carvão aos domicílios, às padarias, a lareiras, etc.

Não vêem que aceitando estas condições prolongam a luta e aumentam os seus sofrimentos! Deixam-se embalsar por cantigas de que bom uso sabem fazer os capitalistas.

E, entretanto, apesar desta superioridade capitalista nos incidentes da luta actual, a sua derrota é certa, tam certa como em 1914 era a das potências autocráticas centrais, e que só teve lugar em 1918. A derrota do capitalismo há-de se dar com certeza. Mas quando? Quando encarmos os acontecimentos destes últimos anos no seu conjunto e também as condições económicas sociais e políticas, parece-nos provável que decorra ainda uma década antes que a vitória do socialismo se dê, sendo integralmente, pelo menos quasi completa.

Maio 1921.

Augustin Hamon.

### “SEARA NOVA”

Um grupo de intelectuais que pretende renovar a mentalidade portuguesa

Alguns intelectuais, que se tem mantido mais ou menos afastados das mesquinharias questões de política e do pântano das ambições nacionais, acabam de formar um grupo que, segundo alguns prospectos que por aí tem corrido, pretende realizar uma verdadeira obra de educação nacional, obra de moralização.

Pretende esse grupo, cujo corpo directivo é constituído pelos srs. Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, dr. Faria de Vasconcelos, dr. Ferreira de Macedo, Francisco António Correa, dr. Jaime Cortesão, dr. José de Azeredo Perdigão, dr. Luís da Câmara Reis, Raúl Brandão e Raúl Proença, lançar à publicidade uma revista quinzenal, de 32 páginas.

Es a revista visa: renovar a mentalidade da *élite* portuguesa, pondo-a em contacto com as realidades do presente e dando-lhe a consciência nítida das necessidades nacionais; criar uma falange intelectual que ponha com clareza os verdadeiros problemas a resolver, preconcize as soluções mais racionais e mais práticas, e se opponha ao espírito do egoísmo, do desinteresse social e de rapina que caracteriza as oligarquias dominantes; criar uma opinião pública nacional que obligue todos, políticos e não políticos, a ter como norma o bem público, em vez dos interesses de pessoas, grupos, ou partidos; contribuir para a formação, acima das nacionalidades eternas, dumha consciência internacional, capaz de dar existência a uma realização cada vez mais perfeita do conceito humanidade.

E' idealista, mas sem o desprezo das realidades, de larga aspiração humana, mas sem o repúdio da idea pátria; revolucionária, mas por processos orgânicos e construtivos e com o respeito das oportunidades e das possibilidades actuais; política, mas sem subordinação a nenhum partido ou clientela política; combativa, mas sem apelo a nenhuma forma de combate que não seja a das ideas e das campanhas de justiça e moralidade pública.

### Em torno dos Soviéticos

O que a Rússia exige à Finlândia

HELINGFORS, 28.—O representante dos Soviéticos nesta capital fez ao governo finlandês as seguintes exigências:

- 1.º O desarmamento geral dos refugiados de Kronstadt.
  - 2.º Entrega aos Soviéticos de todas as armas destes refugiados.
  - 3.º Transladição destes refugiados a uma região mais afastada da fronteira.
- O governo finlandês declarou, na sua resposta, que accede aos pedidos dos Soviéticos, tendo-se já realizado muitos deles. Quanto às armas e outros bens dos refugiados, são considerados pelo governo finlandês como garantia para o cumprimento dos compromissos económicos da Rússia.—*Rádio*.

O governo italiano e a missão bolchevista

PARIS, 28.—Diz-se que o conde Storza, ministro dos estrangeiros da Itália, a quem informou que a Itália está pronta a concluir acordos comerciais com os Soviéticos, mas que o governo italiano não permitirá que a missão bolchevista se alaste do seu papel puramente comercial, imiscuindo-se no domínio da politica.

O conde Storza concedeu a missão bolchevista a immunidad diplomática provisória, sob a condição de que os acordos comerciais fiquem concluidos nestes dois meses.—*Rádio*.

### Os caixairos de Santarém

continuum a ser vítimas de perseguições do patronato por aderirem à C. G. T.

Há dias que a quasi totalidade do patronato de Santarém ficou atemorizada pela distribuição das cadernetas confederais da C. G. T., a que procedeu a Associação dos Empregados no Comércio aos seus associados. O presidente da Associação Commercial, de nome Júlio Alves, conhecido organizador, paladino oculo e secretário da misteriosa Confederação Patronal amedrontou-se de forma que a cor vermelha das cadernetas, que, alvorçado, percorreu os estabelecimentos da cidade inclinando os comerciantes a pôr este dilema aos caixairos: ou abandonam a sua associação ou serão despedidos! Acrescentou ainda o atemorizado cavalleiro aos comerciantes confederados na C. P., que se não concordassem com a sua intimidação, sujar-se iam a se-lo pela Confederação Patronal para despedirem todos os empregados confederados na C. G. T.

Aquele heroi do regime patronal voceiferou que não se conformaria com a estado dentro dos estabelecimentos de suspeitos de bolchevismos, que considerava seus inimigos fideis.

Que tem o sr. Alves com os caixairos, depois de cumprimem o seu dever profissional, pensem livremente? E que dirão os empregados que ombream com patrões filiados num anstro misterioso e enigmático como é a C. P. e que promovem sessões secretas com fins duvidosos?

E' uma afronta indigna que não logrará os efeitos desejados pelo patronato, pois não é com facilidade que se esmagam uma classe que está cumprida dos seus deveres e dos seus direitos, composta de poucos mas firmes camaradas cuja disposição é inabalável em não abandonar o seu sindicato.

### “A NOVELA VERMELHA”

Na próxima quarta-feira, 1 de Junho, aparecerá a venda em todas as livrarias, tabacarias e na administração da *Batalha*, o segundo numero da *Novela Vermelha*. Inserirá este numero uma novela de Nogueira de Brito, intitulada *Sanguê Fidalgo*.

O successo do primeiro numero, que trouxe a luz da publicidade um esplêndido trabalho de Manuel Ribeiro—*A Expição*—animou a edição editorial da *Batalha* a proseguir com a publicação desta interessante colleção.

*Sanguê Fidalgo* será ansiosamente acolhido pelo publico, principalmente pelos trabalhadores, a quem a publicação se destina.

Este segundo numero da *Novela Vermelha* será vendido tambem pelos vendedores de jornais, custando cada exemplar apenas 225.

### Crise corticeira

Uma comissão da Federação Corticeira Nacional juntamente com um representante dos operários corticeiros do Seixal entrevistou ontem o ministro do comércio sobre a crise na industria corticeira daquela localidade. Trata-se da fábrica Viconder que suspendeu a maior parte do seu pessoal, estando a mesma ameaçada de paralisar por completo, em virtude da falta de transportes.

Para tratar do mesmo assunto avistouse a referida comissão com o chefe do Santa Apolónia. O chefe do gabinete do ministro do comércio prometeu providenciar immediatamente.

A comissão volta a conferir com o mesmo senhor, na próxima quarta-feira.

### A BATALHA não se publica às segundas-feiras.

### O desastre em Chelas

Morreu ontem mais um dos feridos

Na cama n.º 15 da enfermaria de Santo Alberto do hospital de S. José, faleceu ontem José Francisco Ribeiro, de 27 anos, soldado da 3.ª companhia e 3.º batalhão da Guarda Nacional Republicana, natural de Oliveira do Bairro, distrito de Aveiro, uma das victimas daquele desastre sucedido anteciente em Chelas, caso que largamente noticiámos.

O cadáver recolheu à casa mortuária do mesmo estabelecimento, devendo hoje dar entrada na morgue, tendo tido o mesmo destino o cadáver do soldado n.º 146 da mesma companhia e batalhão Eugénio Simões, natural da Louzã, vítima do mesmo desastre, e que veio a falecer momentos depois da sua entrada na sala de observações do hospital de S. José.

As outras victimas que entraram directamente para a morgue e que devem ser autopsiadas amanhã sob a presidencia do juiz auxiliar dr. sr. Alfeu da Cruz, foram ontem reconhecidas e identificadas.

Chamavam-se Manuel Martins, de 33 anos, solteiro, trabalhador, natural de Ancora, concelho de Caminha e residia na travessa da Paz, 23, cave, e Cândido Albino Evangelista, de 23 anos, 2.º cabo n.º 32 da 3.ª companhia do 3.º batalhão, natural de Cristelo Novo, concelho de Valença do Minho.

Os funeraes dos soldados são feitos a expensas da 3.ª companhia da Guarda Nacional Republicana aquartelada no Castelo de S. Jorge, estando encarregado dos serviços fúnebres a agência Milheiro.

### Os famintos de Cabo Verde

O cansado chá que ferve...

O desgraçado do governador interino de Cabo Verde informou o governo de que existem apenas 50 contos em cofre para acudir à enorme crise alimentícia, pois desse dinheiro há a pagar, os géneros ultimamente adquiridos, e que há milhares de pessoas a socorrer, por isso necessita de recursos imediatos além do auxilio da metrópole em géneros, bem como de outras colónias.

Não diz o nosso informador, mas nós acreditamos: O sr. Celestino vai tratar do assunto.

### Funcionalismo das colónias

O horário de trabalho em Angola

O horário de trabalho de todas as repartições de Angola, determinada, pelo alto commissário, é das 8 e meia às 11 e meia e das 14 às 17 e aos sábados os serviços terminam às 12 horas, não havendo tolerancia alguma.

### Ferroviiários do Estado

A readmissão dos demittidos por motivo da última greve

A comissão delegada dos ferroviários do Estado, demittidos por motivo da última greve, voltou ontem a solicitar ao sr. ministro do comércio a sua readmissão. O dr. sr. António Granja disse que não podia atender o pedido, a não ser por uma lei especial e que o seu antecessor, dr. sr. Antonio da Fonseca, havia indeferido o requerimento que no mesmo sentido os ferroviários lhe enviavam.

### Conferencia Internacional do Comercio

Encerraram-se ontem os trabalhos da 7.ª assembleia

A 7.ª assembleia da Conferencia Internacional do Comercio encerrou ontem os seus trabalhos.

Foi eleito presidente honorário do «*bureau*» de Bruxelas o sr. Melo Barreto e secretário o sr. Ballazar Teixeira, nas mesmas circumstancias.

Aprovaram as conclusões da tese do professor Francisco António Correa, director do Instituto Superior de Comercio de Lisboa e que são:

Que a intensificação do ensino commercial superior deve ser considerada como condição indispensável de expansão económica.

Que se exija do pessoal diplomatico e consular uma cultura commercial para poder agir com vantagem sob o ponto de vista politico, economico internacional.

Foi, por proposta do sr. Melo Barreto, adoptada a ideia de uma conferencia vincula internacional, conforme os desejos manifestados no Congresso dos sindicatos agricolas de Coimbra.

Foi deliberado que a proxima reunião do conselho geral se realize em Bruxelas no dia 10 de Outubro.

Foram tambem aprovadas as conclusões das teses sobre as grandes arterias e vias internacionais, sobre tarifas combinadas e acordos comerciais.

### As diversões de ontem

A's 16 horas realizou-se a sessão solena na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia, com a assistencia do presidente da república, câmaras legislativas, governo e corpo diplomatico. Houve visita ao Museu Colonial e merenda de produtos coloniais.

A's 21 horas realizou-se o banquetec ofrecido pela Associação Commercial de Lisboa, no Monumental Club.

O programa de hoje

A's 13 horas, partida para Sintra, em combóio especial. Visita ao castello da Pena. Visita ao palacio de Sintra.

A's 16 horas partida para Cascais e Estoril. Jantar ofrecido pela Sociedade Estoril. Festa nocturna. Partida para Lisboa em combóio especial.

### A “Semana Agrícola”

Concurso de gado—Uma conferencia

A exposição agricola continua sendo muito visitada, tendo-se, ontem, realizado um concurso de gado.

No anfiteatro do Instituto Superior de Agronomia realizou-se, pelas 15 horas, a annunciada conferencia do professor sr. D. Luís de Castro, sobre o mau estado da agricultura portuguesa.

### Educação do operariado

Uma série de conferencias por Emilio Costa

Inicia-se depois de amanhã, pelas 21 horas na 4.ª secção da Universidade Popular Portuguesa, um curso de educação do operariado dirigido pelo professor, sr. Emilio Costa, que tratará da Educação do Operariado.

### Peste bubónica na Guiné

O governador da Guiné informa que a peste bubónica foi trazida para ali de Dakar. Apesar de ser de carácter benigno, é preciso adoptar medidas sanitárias rigorosas para que a epidemia não tome vulto, visto que de dez que se tem dado ainda não resultou nenhum doente. A situação aqui estátno benévola, e o administrador de Cacheu sr. Graça Falcão, continuando entendido que devem seguir para aquela colónia com urgência, o pessoal já requisitado, bem como a vacina sãe.

### NA ALTA SILESLIA

A Alemanha apoia os seus voluntários?

PARIS, 28.—A Polónia fechou a sua fronteira com a Alta Silesia, para contribuir com os seus esforços para a pacificação da região. A Comissão Inter-aliada não terá poder senão dispor de forças suficientes e os seis batalhões enviados da Inglaterra, junto aos contingentes existentes, não são bastantes para dominar a situação, porque a Alemanha ainda se não convencera da necessidade de se sujeitar a uma solução justa.

Apesar das excelentes declarações do Dr. Wirth, a Alemanha não deixa de apoiar os voluntários alemães. Anuncia-se que o primeiro combóio de viveres, enviado pela Alemanha, acaba de chegar.—*Rádio*.

### As reclamações dos manipuladores de pão

Reuniu ontem a comissão encarregada do estudo do problema do pão, ocupando-se quasi exclusivamente da taxa a aplicar em relação aos salários dos operários manipuladores.

### Universidade Popular Portuguesa

Continuam hoje as consultas pedagógicas na sede desta instituição, começando às 10 horas da manhã. A's 11 é a hora dos contos para as crianças.

### O patronato espanhol

MADRID, 28.—Ficou constituída a comissão organizadora para o terceiro congresso patronal, que se realizará em 26 de Junho.—*Rádio*.

### Os ferroviários da C. P.

realizam hoje uma importante reunião

Na sede do Centro Fernão Botto Machado, rua do Paraíso, n.º 1, efectiva-se hoje, pelas 13 horas, uma importante reunião dos ferroviários da C. P., promovida pelo respectivo sindicato, com o fim de unificar a classe, criando-lhe um perfeito espirito de solidariedade.

### AS GREVES

Gráficos das casas de obras

Apesar do chamado *lock-out*, feito por alguns industriais, continuam firmes os camaradas das casas de obras, que há dias se declararam em greve.

Entre a comissão executiva pró-mento de salário e a empresa editorial da *A B C* foi ontem firmado o seguinte accordo, tendo de tarde retomado o trabalho o pessoal que na mesma casa trabalhava:

Base do accordo provisório, entre a empresa *A B C* e a comissão executiva pró-mento de salário das casas de obras:

- 1.º De 20 % sobre os actuaes salários dos compositores e impressores;
- 2.º Pagar os domingos e dias feriado, bem como aqueles em que a empresa trabalha não dar trabalho, a razão de 1 dia de trabalho;
- 3.º Sobre o trabalho fora do horário normal, pagar o excesso de 10 %, não sendo considerados dias úteis os domingos nem os 5 feriados da Constituição.

Lisboa, 28 de Maio de 1921.

Pela comissão executiva—Joaquim Silva, João Martins Amor e Nicolau Marques.  
Pela Sociedade Editorial «*A B C*»—Mimos Anahory.

Amanhã, pelas 15 horas, realiza-se uma assembleia magna na rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, pedindo-se a comparação de todos os componentes das classes em luta.

—A comissão encontra-se em sessão peritante na sede da Associação dos Compositores, rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, onde se recebem as cotizações e se entregam as listas.

Metalúrgicos da casa Stream